

'Hospital da Calheta' simboliza vontade do povo



Era uma obra reivindicada há mais de duas décadas e que se tornou ontem realidade. “Este hospital da Calheta simboliza a vontade, a emancipação e organização do povo”, sublinhou Miguel Albuquerque.

Um dia histórico. A inauguração da remodelação e ampliação do Centro de Saúde da Calheta marcou o dia de ontem no concelho e foi considerada um momento inesquecível para a população e para a Santa Casa da Misericórdia da Calheta. Aquele espaço, um investimento de 3,4 milhões de euros, comparticipados pelo Instituto de Desenvolvimento Regional em 85% e em 15% pela instituição, era uma

reivindicação com mais de vinte anos e uma promessa por cumprir do Governo Regional.

O presidente do Executivo reconheceu que a obra era reivindicada há vários anos. “Este hospital da Calheta simboliza, de facto, a vontade, a emancipação e organização do povo e das instituições para o cumprimento das suas ambições”, expressou, manifestando a sua satisfação pelo facto de a Misericórdia ter tomado o pulso à iniciativa.

Albuquerque sublinhou ainda que “os Governos não são todos iguais”, acrescentando que “nós recusamos a ideia central que hoje reside neste País em que o Estado deve estar presente em todos os aspetos da vida da sociedade civil”, ou que “deve assumir o papel de educador e da família”. Isto já para comentar a polémica em torno da obrigatoriedade das aulas de Cidadania e Desenvolvimento. “O Estado não é mentor ideológico de ninguém, nem deve ser”, frisou o governante. Albuquerque adiantou que foram aprovados, na passada semana, quase 30 milhões de euros para ajudar as escolas particulares, para garantir a liberdade de pensamento e sentido crítico da população.

Já Carlos Teles, presidente da autarquia, disse que ontem era “um dia verdadeiramente histórico” e lembrou ainda todo o processo para a concretização da obra “desta envergadura”, com a transferência dos utentes para os Prazeres. “Quando nós trabalhamos em equipa, quando todas as instituições se entendem, o resultado só poderá ser este, ainda por cima no tempo de pandemia que decorre”.

O autarca elogiou ainda Miguel Albuquerque. “Através do diálogo e não através de parangonas nos jornais”, as obras têm ido para o terreno, como a via-expresso até à Ponta do Pargo e o próprio ‘hospital’ da Calheta, entre outras.



O novo centro de saúde foi benzido pelo bispo do Funchal, D. Nuno Brás, que considerou que este é o continuar da história de quase cinco séculos da Misericórdia da Calheta. O prelado disse esperar que o centro de saúde seja “uma casa de vida”, onde as pessoas possam encontrar apoio na cura.

Por seu turno, a provedora da Santa Casa da Misericórdia da Calheta, Cecília Cachucho, disse que foi possível “amealhar migalhas” nos últimos 30 anos que permitiram avançar com a remodelação, com o apoio do Governo Regional, para a construção do novo “hospital da Calheta”.

De referir que, a meio dos discursos, a cerimónia inaugural deu lugar ao lançamento do livro ‘Hospitais da Misericórdia da Calheta’, de autoria de Gregório Gouveia. A obra foi apresentada por Eugénio Perregil.

Renda “nunca” chegará aos 27 mil euros

Rafaela Fernandes, presidente do SESARAM, adiantou que decorrem as negociações com a Santa Casa da Misericórdia da Calheta para o valor da renda a pagar pelo centro de saúde.

"Estamos em paz" com a Santa Casa, mas "tem de haver um equilíbrio", disse. O montante “nunca” chegará aos 27 mil euros pretendidos pela instituição, sob pena de esta ter de devolver fundos. O valor atual ronda os 4.500 euros. Já Cecília Cachucho não quis falar sobre o assunto. "Hoje é um dia de festa", disse apenas.

Por Paula Abreu

In “JM-Madeira”